



BERNARDINO E O PROMOTOR BISOL FORAM JUNTOS AO MINISTÉRIO

Roriz pede ajuda a governo federal

Juliana Cézar Nunes e
Ullisses Campbell

Da equipe do **Correio**

Pela segunda vez em três meses, a crise na saúde pública do Distrito Federal foi parar no gabinete do ministro Barjas Negri. Acompanhado pelo novo secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, e pelo promotor Jairo Bisol, o governador Joaquim Roriz pediu dinheiro para comprar remédios e reestruturar os hospitais. A possibilidade de se conseguir dinheiro extra em fim de governo é tão remota que eles sequer falaram em cifras. Pelas contas do secretário, são necessários R\$ 12 milhões só para abastecer as farmácias públicas.

Para Roriz, a visita foi de cortesia. Mas, dessa vez, ao final da reunião, ele não repetiu a frase otimista que disse após a última reunião com Negri: "Nunca mais faltará remédio no DF". Sobre a auditoria de técnicos do Ministério da Saúde na secretaria, o governador garante que vai apoiá-la. "Iremos até o fundo do poço para saber por que some remédio. A minha expectativa é que os produtos sejam comprados a preços inferiores a partir de agora", disse.

O governador promete cortar investimentos em qualquer setor para levar recursos aos hospitais e farmácias públicas. A saúde agora é prioridade de governo. Promessa que o motorista Manoel José da Silva, 48 anos, nem acha necessária. Para ele, saúde é assunto de ministro. Tanto é que ontem pegou um ônibus em Brasília onde mora, parou na Rodoviária e foi a pé para o Ministério da Saúde cobrar uma cirurgia nos rins, esperada há seis anos. Por coincidência, chegou à entrada do prédio no instante em que Roriz saía do carro. Apertou a mão do governador que ajudou a eleger e continuou de prontidão à espera do ministro. "Sinto tanta cólica que não consigo ficar em trabalho nenhum. Não sei mais como sus-

tentar meus dois filhos", contou Manoel, que, sem encontrar o ministro, acabou entregando o documento com a reclamação para Roriz, pouco antes de o governador sair de carro da frente do prédio.

Sete horas antes, às 10h15, doze auditores do Ministério da Saúde deram início a uma investigação minuciosa na secretaria da pasta. A determinação partiu do ministro Barjas Negri na semana passada. Os auditores tiveram uma reunião pela manhã com o secretário de Saúde. "Eles me entregaram uma lista com 22 itens e cada um referia-se a um documento. A maioria tratava de compra de medicamentos", conta Arnaldo Bernardino.

Os auditores farão até sexta-feira um "trabalho de campo" para investigar a crise. Essa atividade envolve uma investigação rigorosa no processo de compra e distribuição de medicamentos básicos e de alto custo. Uma das denúncias que a equipe confere é a de que a secretaria teria comprado medicamentos superfaturados, como atestam relatórios da Controladoria-Geral da União, Conselho Regional de Farmácia e Ministério Público.

Todos os funcionários envolvidos na compra e na distribuição de medicamentos serão ouvidos pelos auditores. Bernardino não descartou a possibilidade de afastá-los da equipe para dar mais transparência às investigações. O Ministério da Saúde apresenta um relatório sobre a auditoria até o fim desta semana.

PRATELEIRAS VAZIAS

A crise que derruba secretários de Saúde no DF tem raiz nas farmácias do sistema público. Cerca de 80 pacientes vão todos os dias até a Farmácia de Alto-Custo e dão com a cara na porta. Logo na entrada há uma lista com 32 medicamentos que estão em falta. Quando há remédios, o fluxo de pacientes chega em 250 por dia. No balcão de atendimento, os doentes perguntam quando voltarão os remédios. Os funcionários respondem que não há previsão. Quem tem condições de comprar os remédios recorre às farmácias tradicionais e divide em até seis vezes uma única compra.